

Entrevista

Entrevista Arte e Cultura com a professora Dra. Márcia Strazzacappa

ENTREVISTADORA

Ana Cristina Nunes de Gusmão
ana.gusmao@feluma.org.br
Faculdade Ciências Médicas de
Minas Gerais, Belo Horizonte,
MG, Brasil

ENTREVISTADA

Marcia Strazzacappa
mstrazza@unicamp.br
Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de
Campinas, SP, Brasil

O TEATRO NA EDUCAÇÃO MÉDICA

Marcia Strazzacappa é doutora em Estética, Ciências e Tecnologia das Artes pela Universidade de Paris 8, mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e licenciada em Pedagogia e Dança, também pela mesma instituição. Realiza pesquisas na interseção das áreas da Educação, Saúde e Arte. Colaborou com médicos, artistas cênicos e educadores no desenvolvimento da metodologia Medical Education Empowered by Theater (MEET), a qual apresentou ganhos de empatia em estudantes de medicina segundo a Escala Jefferson de Empatia Médica (JSE). Também atua para os profissionais de saúde com a personagem clownesca, Dona Clotilde.

[Ana Gusmão]: Oi, gente! Tudo bom com vocês? Estamos aqui para mais uma edição da nossa editoria “Arte e Cultura”, da Revista de Extensão e Educação em Saúde Ciências Médicas. Esta é uma edição muito especial, pois estamos em Campinas, encerrando um encontro que reuniu pessoas de todo o Brasil. Foram quatro dias intensos discutindo a arte no ensino da medicina. Nossa entrevistada de hoje é uma professora, pesquisadora e artista extremamente especial: a professora doutora Marcia Strazzacappa. Professora, muito obrigada por nos receber e por compartilhar um pouco da sua trajetória e das pesquisas que vem de-



Licenciado sob a [CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

envolvendo há tantos anos. Para começar, conte um pouco sobre sua vida e sua carreira, para que possamos conhecê-la melhor.

[Marcia Strazzacappa]: Obrigada. Em primeiro lugar, quero agradecer a oportunidade de participar desta entrevista e poder falar um pouco mais sobre o trabalho que a gente desenvolve aqui. É uma honra também, e fico muito feliz de te receber aqui em Campinas, na Unicamp, na Universidade Estadual de Campinas, para compartilhar esse trabalho e saber que nós não estamos sós.

Bem, a minha formação é dupla. Eu fiz o curso de Pedagogia e, depois, fui da primeira turma do curso de Dança da Unicamp. Eu gosto de frisar isso, ser da primeira turma, porque é sempre desbravador. Começar algo novo já diz muito sobre mim, acho que isso me acompanha há muito tempo. Depois, fiz um Mestrado em Metodologia do Ensino, e o Doutorado foi na área de Estudos Teatrais e Coreográficos, um doutorado em Arte, realizado na Universidade de Paris, na França. Quando me formei em Pedagogia, comecei a trabalhar como pesquisadora na Unicamp. Minha primeira carreira foi como pesquisadora, em um núcleo interdisciplinar de pesquisa chamado Lume, bastante conhecido. Fiquei no Lume desde o seu nascimento até o falecimento do Luís Otávio Burnier, que era o coordenador. Após o falecimento dele, fui para a França fazer o doutorado. Quando regressei ao Brasil, voltei já prestando concurso na Faculdade de Educação para trabalhar especificamente nas Licenciaturas de Arte, a Licenciatura em Dança e o curso de Pedagogia. Já faz alguns anos, especificamente 14, que venho atuando também na área médica, na Educação Médica. Então,

costumo dizer que sou uma pessoa de um entrelugar, com formação na Educação e na Arte (tanto no Teatro quanto na Dança) e que circula entre esses campos: Arte, Saúde e Educação.

[Ana Gusmão]: Professora, ao longo desse percurso, a senhora desenvolveu uma metodologia de trabalho chamada MEET. Poderia nos explicar um pouco o que é o MEET, como surgiu e quais caminhos ele vem trilhando?

[Marcia Strazzacappa]: Então, eu não vou dizer que eu desenvolvi, porque eu não sou um “eu”, né? É uma equipe, é um “nós”. Então, é a nossa metodologia. Eu gosto de frisar isso, porque é algo que acontece no coletivo.

O meu primeiro pé na medicina aconteceu não na Unicamp, mas na USP, quando fui convidada pela professora doutora Sida Basile a participar efetivamente de uma disciplina pedagógica dentro do curso de doutorado. E por que existe uma disciplina pedagógica obrigatória dentro de um curso de doutorado na USP, em São Paulo? Porque eles acreditam que quem faz doutorado não quer ser apenas pesquisador, é também uma porta de entrada para ser docente, para ser professor. Nos cursos de Matemática, Língua Portuguesa, Educação Física, existem as licenciaturas. Mas não existe licenciatura em Medicina, né? Assim como não há em Engenharia. A pessoa se forma médico, se forma engenheiro. Então, se você faz um doutorado e quer se tornar professor, há a necessidade de disciplinas, não é só uma, são duas, no campo da Educação. Ela me convidou para participar dessa disciplina não pelo meu lado pedagógico, de pedagoga, mas pelo meu lado clown. Eu tenho uma personagem clownesca chamada Dona Clotilde, uma

faxineira que há muito tempo já atuava em contextos hospitalares, mas não com pacientes, e sim com profissionais de saúde (embora eles achem que nunca precisam disso). Ao entrar em contato comigo, a Sida conheceu a Dona Clotilde em um congresso da Associação Paulista de Ensino Médico, que aconteceu em Campinas, na Unicamp. E, quando viu a personagem, ela disse: “É fundamental, primordial, essencial que você apareça na minha disciplina.” A partir de então, foram 20 anos trabalhando com a doutora Sida Basile, levando a Dona Clotilde para o curso de doutorado, para dialogar e levar a arte à formação de médicos de várias especialidades. Eu digo que esse foi o meu primeiro pé.

O outro pé, dentro da área médica, aconteceu quando os estudantes de Artes Cênicas, eu também era professora do curso, me convidaram, ou melhor, me pediram para ver o trabalho que estavam desenvolvendo paralelamente às aulas: o paciente simulado dentro da medicina. Embora minha área de atuação não fosse direção teatral (na época, eu trabalhava com consciência corporal), eu fui. E, desde então, não tirei mais o pé da medicina, porque, ao chegar lá, percebi o que estava acontecendo não só na atuação dos pacientes simulados, mas também na própria atuação dos médicos. Lembrei-me do que aprendi lá na USP: que o médico é formado para ser médico, e não para ser professor. Então, convidei alguns professores, eram três, na época, que acompanhavam o paciente simulado, para participarem de uma atividade que comecei a desenvolver na Faculdade de Educação, pensando neles. Era uma disciplina eletiva, e nela integramos estudantes das áreas biológicas, das humanas e os próprios docentes, todos juntos. Eu digo que

aí nasceu a semente do que hoje se constitui como a metodologia chamada MEET, Medical Education Empowered by Theatre, a ideia de uma Educação Médica empoderada, fortalecida pelo fazer teatral.

E isso aconteceu por quê? Porque, em vez de trabalhar com estudantes de Cênicas atuando como pacientes simulados, eu disse: “Vocês precisam de profissionais.” Então, convidei o Adilson, que tinha sido meu orientando, primeiro de iniciação científica, depois de mestrado, para participar como ator. Ele, então, formou um grupo chamado Ó Positivo, com a Letícia Furtuoso e a Nadia Morale, para trabalhar com pacientes simulados. Mas, para além disso, eles começaram a trazer questões que já vinham sendo discutidas nos encontros que fazíamos. Foi daí, com uma equipe muito bacana, que se constituiu esse nós: artistas da cena e médicos que se propuseram a tirar o sapato, sentar no chão e se colocar em corpo e movimento para também aprender teatro. Houve um verdadeiro diálogo entre artistas e médicos, em que cada um foi se adaptando e encontrando formas de troca. O resultado foi essa metodologia que, a partir do momento em que tivemos uma publicação internacional em uma boa revista, a *Academic Medicine*, ganhou o mundo. Com o MEET, conquistamos um reconhecimento que, acredito, é até maior internacionalmente do que nacionalmente. Já estivemos na França, Portugal, Canadá, Quebec, Escócia e Holanda, e eu acabei de chegar da China, há pouco mais de uma semana. É muito gratificante ver o quanto essa metodologia está ganhando o mundo. Agora, queremos também o reconhecimento dela dentro do nosso próprio território nacional.

[Ana Gusmão]: E quais seriam, na sua visão, os principais ganhos que os estudantes da área da saúde têm ao participar das atividades do MEET?

[Marcia Strazzacappa]: Acho que o principal ganho dele é aprender uma atitude. Por que que eu digo atitude? Porque quando a gente faz teatro, você é da área, a gente sabe que quando está em cena, the show must go on. Aconteceu alguma coisa no palco, não deu certo, alguém errou, escorregou... a gente improvisa e segue. O público que está assistindo nem sabe, não conhece a peça, não sabe se é erro ou não é, e a gente tem que continuar, tem que achar uma solução. A coisa acontece. Acaba o espetáculo, você senta com o colega e fala: “Pô, mas você errou aqui, esqueceu a deixa lá, enroscou...”, e a gente faz uma avaliação não para encontrar culpados, mas para que, na próxima vez, isso não aconteça, ou para que a gente consiga avançar. Então, eu digo que isso é uma atitude, uma atitude que o artista tem, o artista da cena, principalmente. E eu gosto de dizer que o teatro é uma arte do coletivo, né? Quando colocamos os estudantes vivendo o teatro, eles aprendem atitudes mais do que regras.

A medicina é muito protocolar. Você aprende como fazer uma anamnese, a ordem das perguntas. E aí fica tão ligado nesse padrão de formatação que, às vezes, entra no automático: “Qual o seu nome? Como está se sentindo? Teve febre?” Fica uma coisa automatizada. Ele está tão preocupado em seguir o protocolo que deixa de se preocupar com a escuta. No teatro, nas vivências teatrais, a gente aprende a escutar, a olhar nos olhos, a perceber a pessoa como um todo. Então, é uma atitude também relacionada ao emotivo, à emoção, ao sentimento. Porque, em geral, parte-se

do princípio de que o profissional de saúde não pode ter sentimento. Você precisa anunciar uma morte, mas deve manter aquela expressão neutra: “Não, não posso demonstrar sentimento, afinal sou profissional.” E não é isso, né? Acho que o maior ganho que um profissional de saúde tem ao fazer o trabalho com o MEET é encontrar-se consigo mesmo, uma conexão consigo próprio. É autoconhecimento, é aprender a equilibrar as emoções, que podem, e devem, estar presentes.

Eu me lembrei de uma coisa. Não sei se posso contar, mas uma vez eu fui para uma reunião na França, com o comitê científico da Medicina, que estava querendo implementar o MEET lá. Era uma reunião marcada, mas acabou atrasando. Quando finalmente chegou minha vez de falar, o diretor disse: “Olha, sinto muito, mas a senhora só tem cinco minutos.” Eu tinha preparado um PowerPoint para vinte minutos! Antes de ir para essa reunião, eu tinha ligado para o Marco Antônio, o doutor Marco Antônio Cavalo Filho, um dos criadores do MEET, e perguntei: “Qual é a coisa mais importante que eu devo dizer a um médico para mostrar o valor do nosso trabalho? Estou indo para uma universidade francesa, aconteceu assim, assim e assado...” E ele respondeu: “A coisa mais importante é dizer que houve uma melhoria na Escala Jefferson de Empatia (Jefferson Scale of Empathy).” Quando cheguei lá e o diretor falou que eu só teria cinco minutos, pensei: bom, vou direto ao ponto. Disse: “Meu nome é Marcia Strazzacappa, sou docente da Universidade Estadual de Campinas. Desenvolvemos uma metodologia baseada em Paulo Freire e Augusto Boal, 100% brasileira, que tem efetividade. Já atendemos mais de 500 alunos; ela existe há cinco anos e nossa pesquisa comprovou uma mudança na Escala Jefferson de Empatia de (não lembro exata-

mente) tanto para tanto.” A hora que eu falei essa frase. Eu falei Paulo Freire, eles ficaram assim [olha para a esquerda], Augusto Boal ficaram assim [olha para a direita], Universidade Estadual de Campinas [volta a olhar para a direita]. Mas, quando disse Escala Jefferson de Empatia e mencionei a mudança, os olhos se arregalaram! Eu pensei: falei a coisa certa. Quando terminou, o diretor veio até mim e disse: “Obrigada. Que bom saber que vocês têm uma metodologia com cinco anos de existência, com eficácia comprovada e que houve uma mudança na Escala Jefferson de Empatia. Isso nos interessa muito.” Então, em cinco minutos, consegui dar o recado: a efetividade da metodologia, a ponto de mudar a empatia médica. Essa escala, a Escala Jefferson de Empatia, é aplicada em muitas universidades para entender o quanto o médico se relaciona com a própria identidade profissional. Acho que é isso o que a gente tem feito. E, claro, os alunos estranham: estranham os jogos teatrais, estranham tirar o sapato, estranham uma aula sem anotações, sem PowerPoint. Estranham tudo isso. Mas, no final, dizem: “Apesar da insegurança, do estranhamento e do incômodo, entendo que isso foi importante na minha formação.”

[Ana Gusmão]: Muito bom, professora. Ficamos muito felizes em poder ter esse diálogo, especialmente porque também desenvolvemos ações semelhantes na Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Que possamos fortalecer essas trocas, nos conhecer e nos apoiar mutuamente, sempre em prol do aluno, do ser humano e do nosso coletivo. Muito obrigada.

[Marcia Strazzacappa]: De nada.

[Ana Gusmão]: Até a próxima, pessoal!

FICHA TÉCNICA

Entrevista concedida a Ana Gusmão, no dia 16 de setembro de 2024, na Companhia Tugudum, Campinas, para o Projeto Arte e Cultura / Revista de Extensão e Educação em Saúde da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

[Vídeo da Entrevista](#)

Concepção: Ana Gusmão

Roteiro: Ana Gusmão

Produção: Ana Gusmão

Edição de vídeo: Hub Tecnológico

Filmagem e iluminação: Rebeca Vazquez

Diagramação: Marcos Andrade

Transcrição e revisão: Ludmila Lima Arantes;
João Henrique de Sousa Santos